

RECONSTITUIÇÃO DA GÊNESE DE SAGARANA

Sônia Maria van Dijck Lima (UFPB)

“Vim pedir-lhe as chaves do Sagarana”

(Ascendino Leite, 1946, entrevistando JGR)

Gozando de autonomia estrutural, as narrativas reunidas em *Sagarana* têm em comum a fonte de seus motivos fabulares: a memória do cotidiano da gente que vive em pequenas localidades interioranas. Se, por um lado, os originais não informam a data de composição de cada um dos textos, por outro esclarecem a mobilidade das narrativas no conjunto, tendo ocorrido não só modificação da ordem de distribuição, como até mesmo expurgo de três contos do conjunto inicial. Portanto, a individualidade das narrativas é um fato a ser considerado, o que nos leva a tomá-las como obras independentes, ainda que relativizando essa conclusão em benefício do conjunto. Nosso interesse consiste em contribuir para a reconstituição dos comportamentos autorais, a partir da organização dos originais de *Sagarana*, conservados no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e na biblioteca do Dr. José E. Mindlin, tendo em vista nossa proposta de uma edição genética dessa obra. Os procedimentos autorais reconstituídos a partir dos documentos não devem conduzir a generalizações acerca da obra rosiana; conforme lembra Philippe Willemart (1986):

cada obra, tanto quanto cada mulher amada, muda a face do escritor ou do amante. Se a crítica se quer rigorosa e científica, há de admitir esse dado da ciência humana e não continuar fazendo de conta que há unidade total na obra de um autor, como o considera, por exemplo, a crítica temática.

A história de *Sagarana* começa com a inscrição do volume *Contos*, no Prêmio Humberto de Campos, instituído pela Editora José Olympio. Conforme os testemunhos consultados, Guimarães Rosa apresentou sua inscrição no dia 31 de dezembro de 1937¹, ficou com o segundo lugar no concurso, e, nos anos seguintes, muito se falou no livro assinado por um certo Viator. Marques Rebelo (1939), por exemplo, publicando uma espécie de relatório de suas atividades na Comissão do Prêmio Humberto de Campos, informa os três concorrentes que havia escolhido, para dizer:

“Contos”, de Viator; - livro grande, de cerca de 500 páginas, intensamente escrito. Qualidades excepcionais, não só de contista, como de escritor propriamente. Conhecedor forte da vida brasileira, segurança absoluta na exposição

¹ Pequena história de um grande livro. Texto da orelha da 3ª ed. de *Sagarana*, assinado Livraria José Olympio Editora.

dos seus ambientes, diálogo muito bem feito, elevação de idéias, bom gosto. Causou-me singular impressão este livro, o mesmo acontecendo com o sr. Prudente de Moraes Neto.

Marques Rebelo continua seu texto, para concluir: “*E ficam aqui a este ‘Viator’ que ninguém conhece, e que tanto merecia entrar para a lista dos grandes contistas brasileiros, o meu derrotado aplauso e a minha admiração.*” Em 1941, F. Magalhães Martins (1941) escreve lembrando o Prêmio:

Vejam os que aconteceu no último Prêmio Humberto de Campos (...). Luís Jardim surpreendeu com “Maria Perigosa”. Sete contos inéditos e ótimos, entre os quais avulta “Os cegos”. Outro concorrente (sic) apresentou um volume que daria 500 páginas, pelo qual o Sr. Marques Rebelo quebrou lanças. Os outros membros da comissão optaram por “Maria Perigosa”, e o autor dos Contos de Viator (sic), lidos apenas pela comissão, continua no anonimato, até hoje...

Quando do lançamento de *Sagarana*, Graciliano Ramos (1946) contou sua experiência na comissão do Prêmio:

*... abri um cartapácio de quinhentas páginas grandes: uma dúzia de contos enormes, assinados por certo Viator que ninguém presumia quem fosse. (...) No dia do julgamento, eliminadas composições menos sólidas, ficamos horas no gabinete de Prudente de Moraes, hesitando entre esse volume desigual e outro, **Maria Perigosa**, que não se elevava nem caía muito. Optei pelo segundo - e, em consequência, Marques Rebelo quis matar-me: gritou, espumou, fez um número excessivo de piruetas ferozes. (...) Dias da Costa apoiou-me. Prudente de Moraes sustentou Marques. E Peregrino Júnior, transformado em fiel da balança, exigiu quarenta e oito horas para manifestar-se. Escolheu **Maria Perigosa** - e assim Luís Jardim obteve o prêmio Humberto de Campos em 1938. Viator desapareceu sem deixar vestígio. (...) Em fins de 1944, Ildefonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada, recém-chegado da Europa. (...) Achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez, estendi-me sobre os defeitos que guardara na memória. Rosa concordou comigo. Havia suprimido os contos mais fracos. E emendara os restantes, vagaroso, alheio aos futuros leitores e à crítica. Falei na intenção de José Olímpio, mas julgo que o meu novo companheiro já tinha compromisso.*

Sobre a gênese de *Sagarana*, o próprio autor, em depoimento prestado a João Condé, em 1946, contou:

Bem, resumindo: ficou resolvido que o livro se passaria no interior de Minas Gerais. E compor-se-ia de 12 novelas. Aqui, caro Condé, findava a fase de premeditação. Restava agir. Então, passei horas e dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, ‘revendo’ paisagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso. Quando a máquina esteve pronta, parti. Lembro-me de que foi num domingo, de manhã. O livro foi escrito - quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas - em sete meses; sete meses de exaltação, de deslumbramento. (Depois, repousou durante sete anos; e, em 1945 foi ‘retrabalhado’, em cinco meses de reflexão e de

lucidez). Lá por novembro, contratei com uma datilógrafa a passagem a limpo. E, a 31 de dezembro de 1937, entreguei o original, às 5 e meia da tarde, na Livraria José Olympio. O título escolhido era 'Sezão'; mas, para melhor resguardar o anonimato, pespuguei no cartapácio, à última hora, este rótulo simples: 'Contos' (título provisório, a ser substituído) por Viator. Porque eu ia ter de começar longas viagens, logo após. (Rosa, 1983, p. 333-334)

Daquele volume intitulado *Contos* ficou a notícia. O dossiê genético de Sagarana começa com o volume *Sezão*, datilografado e encadernado em couro vermelho, sem rasuras, cuja data gravada na lombada é 1937; corresponde à primeira versão conhecida da obra e é uma cópia carbono. São 447 páginas numeradas de 1 a 444², a nanquim, no canto superior direito, de modo a organizar o conjunto; uma segunda numeração, escrita a lápis no canto inferior direito, ordena os fólhos de cada narrativa. O volume compõe-se das seguintes narrativas: SEZÃO, CONVERSA DE BOIS, A VOLTA DO MARIDO PRÓDIGO, DUELLO, MINHA GENTE, BICHO MÁU, CORPO FECHADO, ENVULTAMENTO, QUESTÕES DE FAMÍLIA, UMA HISTÓRIA DE AMOR, O BURRINHO PEDRÊS e A OPORTUNIDADE DE AUGUSTO MATRAGA³. Às narrativas, Guimarães Rosa acrescentou um posfácio: PORTEIRA DE FIM DE ESTRADA. Nesse último texto, explica o autor: '*Sezão*' e as outras histórias companheiras foram começadas e acabadas no formoso ano de 1937, precisamente entre 20 de Maio e 4 de Dezembro, e mais ou menos na ordem em que estão seriadas aqui. Como o exemplar de *Contos* foi entregue à Editora José Olympio no dia 31 de dezembro de 1937⁴, o volume em questão corresponde a uma nova fase de elaboração, conforme o mesmo posfácio: *Bom tempo depois, o autor reviu o original do livro, e nelle mexeu, na fôrma, mínimas modificações: nenhum accrécimo, quasi que supressões sòmente.*

Naquele momento, para Guimarães Rosa, o livro estava pronto, pois, apesar de haver "muita moita má" ainda para "ser foçada", "melhor rende deixar quieto o matto velho, e ir plantar roça noutra grotta." E anunciava o próximo livro: "chamar-se-á 'TUTAMÉIA', e virá logo depois deste. Benza-os Deus!"

Contrariamente ao anunciado no posfácio, *Tutaméia* não foi publicado "logo depois", e Guimarães Rosa não encerrou o trabalho com *Sezão* naquele momento. O autor tomou a primeira via do original, encadernada em couro preto, tendo 1937 também registrado na lombada, com 446 páginas numeradas de 1 a 443, seguindo a mesma sistemática de numeração do

² A numeração das páginas não considera a folha de rosto, as páginas da epígrafe e do índice, colocado no fim do volume.

³ Nas citações de documentos inéditos, não atualizamos a ortografia. O sinal << >> indica anotação marginal.

⁴ Pequena história de um grande livro.

volume anteriormente descrito, e, mesmo não tendo tocado no conto inicial, que dava título ao conjunto - “Sezão” -, promoveu pequenas alterações, correções e substituições em outras histórias, através de anotações feitas a lápis, expurgou a “Porteira de fim estrada”⁵, e estabeleceu nova organização das narrativas assinalando no índice a ordem desejada, mediante registros marginais: SEZÃO, <<3º>> CONVERSA DE BOIS, <<4º>> A VOLTA DO MARIDO PRÓDIGO, DUELLO, MINHA GENTE, BICHO MÁU, <<5º>> CORPO FECHADO, ENVULTAMENTO, QUESTÕES DE FAMÍLIA, UMA HISTORIA DE AMOR, <<2º>> O BURRINHO PEDRÊS, A OPPORTUNIDADE DE AUGUSTO MATRAGA. Retomava, assim, o trabalho, rumo ao que passou a ser *Sagarana*. Em carta dirigida ao pai, em 6 de novembro de 1945, Guimarães Rosa fala da fase de retomada dos originais:

Em todo o caso, consegui - a custa de horas de sono, do descanso dos domingos e de muito esforço - preparar, ou, melhor, reestruturar um livro de contos, para o qual achei imediatamente editor. Tenho muita esperança nesse livro, pois já provocou o mais exaltado entusiasmo (e sincero) da parte de 4 dos maiores escritores e intelectuais brasileiros, que lhe garantem tremendo sucesso. Vamos ver o que dá. O Sr. irá gostar, e muito, estou seguro, pois nele verá muita coisa do interior, muitas cantigas, como epígrafes (ex: “Ao meu macho rosa-do, carregado de algodão, etc.”, “Negra danada, siô, é Maria, etc.”, “Tira a barraca da barreira, etc.”, “Eu quero ver a moreninha tabaroa, etc.”), muita coisa, enfim, que lhe dará boas recordações. (Rosa, 1983, p. 159)

O autor referia-se, então, ao terceiro momento conhecido de criação, documentado nas pastas conservadas no Instituto de Estudos Brasileiros com os originais do livro, organizadas conforme a 1ª edição de *Sagarana*. Nesse terceiro documento, o conto “Sezão” passa a “Sarapalha”, ganhando como título o topônimo só nesse momento definido como o espaço da aventura de Primo Ribeiro e Primo Argemiro; mas deixa de ser, na 1ª edição, a narrativa inicial do conjunto. “Bicho mau” é retirado da obra. “Envultamento” muda para “São Marcos”, e “A oportunidade de Augusto Matraga” passa a ser “A hora e vez de Augusto Matraga”. Alguns textos apresentavam-se datilografados em primeira via, como é o caso de “São Marcos” e “A hora e vez de Augusto Matraga”, não restando lembrança dos títulos originais. Outros são cópia carbono, com vestígios de desencadernação; muito provavelmente, houve um terceiro volume intitulado *Sezão*, que foi desfeito nessa fase de retomada do conjunto. Assim, o conto publicado como “Sarapalha” guarda o título original, “Sezão”, que se encontra rasurado na cópia carbono. Para promover as alterações nas histórias, o autor, além do recurso de

⁵ O fôlio com “Porteira de fim de estrada” foi arrancado do volume, restando vestígios do fato.

nova datilografia de alguns textos, usou lápis vermelho, lápis preto, para marcar as formas modificadas, e tinta preta para escrever a alteração ou a correção; além disso, algumas histórias têm pequenos pedaços de papel datilografados em primeira via e colados sobre o original em carbono, considerando que as mudanças afetam trechos mais extensos. A atualização ortográfica dos textos em cópia carbono é feita mediante rasura dos sinais não mais existentes (acentos, consoantes dobradas, “y” e grupo “ph”); isso permite que situemos essa fase de reelaboração depois de 1943: 1945, segundo a carta de Guimarães Rosa (Rosa, 1983, p. 159)

A hipótese é que a modificação do título do conto conduziu à transformação da titulação provisória do conjunto⁶, e Guimarães Rosa preferiu apresentar-se em livro com um exercício lingüístico. Na entrevista concedida a Ascendino Leite, perguntado acerca do significado de *sagarana*, o autor respondeu: “- *Saga-rana: coisa que parece saga... Filei um sufixo do nhe-ngatu...*” (Lima, 1997, p. 66)

Publicado, em 1946, pela Editora Universal, do Rio de Janeiro, e assinado por J. Guimarães Rosa, *Sagarana* não tem “Uma historia de amor” e “Questões de família”; isso significa uma nova fase de decisão não testemunhada nos documentos citados. O livro ficou pronto em abril de 1946⁷. A edição foi esgotada em poucos dias e já se falava em segunda edição em maio do mesmo ano, conforme reportagem de Ascendino Leite (Lima, 1997, p. 25). Assim é que, em 30 de julho de 1946, a coluna “Livros” de *A Noite* (Rio de Janeiro) anuncia:

*A Editora Universal acaba de lançar Sagarana, livro de contos brasileiros, de autoria do Sr. J. Guimarães Rosa, em segunda edição, já posta à venda em todas as livrarias da cidade. Lançado recentemente, o livro veio revelar um autor estreante da melhor qualidade, merecendo elogios da crítica e consagrando-se com a procura que o livro teve em todos os núcleos de gente de bom gosto. A segunda edição de Sagarana está destinada a atender aos inúmeros amigos dos bons livros que não haviam conseguido adquirir a obra no lançamento inicial.*⁸

O curto espaço de tempo entre as duas primeiras edições poderia levar ao entendimento de que a segunda publicação seria tão somente uma nova tiragem. Algumas diferenças indicam que o autor se debruçou sobre o livro. A título de comprovação, citamos o desaparecimento de um período, no conto “Sarapalha”, como indicativo de que houve trabalho de escritura, embora não se conheça o documento comprobatório: “*Não vem!... Foi e não*

⁶ Ver depoimento a João Condé, já citado.

⁷ Atesta o colofon da 1ª edição: “Este livro foi composto nas oficinas da Empresa Gráfica da ‘Revista dos Tribunais’ Ltda. à (sic) rua Conde de Sarzedos, 38, S. Paulo, em abril de 1946”.

⁸ Consultamos recorte. Arq. JGR-R2-IEB/USP.

volta mais... Foi, rio...”, até a 1ª edição, que se lê, a partir da 2ª edição: “Não vem!... Foi, rio...”. O sucesso não impediu que a história de *Sagarana* apontasse para novos horizontes.

A obra foi submetida a modificações, que resultaram na 3ª edição, revista, publicada pela José Olympio, em 1951. Agora, a longa espera da nova edição tem outra explicação:

*Em 3a. edição, revista, Sagarana apresenta-se aos leitores brasileiros, já consagrado pelo mais fulminante êxito literário de que se tem memória em nossa literatura moderna. (...) Apenas, como o autor desejasse rever pessoalmente todas as provas, que tinham de ir e voltar da Europa, várias vezes, era inevitável a demora.*⁹

Como não são conhecidos os documentos preparatórios da 3a. edição, apenas a colação com a 1a. poderá auxiliar no reconhecimento das transformações operadas pelo autor.

Não satisfeito, em 1955, tomou um volume da 3ª edição como exemplar de trabalho, para preparar a 4ª edição; realizou novas transformações que resultaram na denominada edição definitiva, em 1956, que passa a ser assinada por João Guimarães Rosa, publicada pela José Olympio¹⁰:

*Em verdade, movido pela insatisfação permanente para com a obra acabada, o autor, embora ocupadíssimo na revisão das provas de um novo livro de novelas - **Corpo de Baile** - e na conclusão de seu primeiro romance - **Grande Sertão: Veredas** - não permitiu que *Sagarana* fosse ao prelo sem antes retocá-lo de modo drástico. E isto, observe-se dez anos depois de sua primeira edição, o que bem revela certos aspectos da criação literária em Guimarães Rosa.*¹¹

Incansável, em 1957, o autor realiza novos ajustes; dessa vez, sobre um exemplar da 4ª edição. As provas da quinta publicação de *Sagarana* atestam o propósito de alcançar a otimização do discurso literário¹². Guimarães Rosa publica, em 1958, a 5ª edição, dita retocada e na forma definitiva, também pela José Olympio. A 5ª edição, portanto, é o último testemunho da escritura do livro.

Em 1964, sai a 6ª edição de *Sagarana* e a 7ª, em 1965 (Covizzi e Verlangieri, 1997, p. 214). Na biblioteca do Dr. José E. Mindlin e na biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros, consultamos exemplares, em cuja folha de rosto consta 6ª edição, com data de 1964, além de a mesma indica-

⁹ Pequena história de um grande livro.

¹⁰ O original da 4ª ed. (exemplar da 3ª ed.) pertence à biblioteca de José E. Mindlin.

¹¹ Guimarães Rosa versus *Sagarana*. Texto da orelha da 4ª ed., sem assinatura, de responsabilidade do Editor.

¹² O original da 5ª ed. (exemplar da 4ª ed.) assim como suas provas tipográficas pertencem à biblioteca de José E. Mindlin.

ção de ordem de publicação figurar no verso da folha de guarda; fato confirmado pelo colofon: “*Esta 6ª edição de SAGARANA foi composta e impressa nas oficinas da Gráfica Urupês S. A., na rua Pires do Rio, 338, São Paulo, para a Livraria José Olympio Editora S. A., Rio de Janeiro, em janeiro de 1964*”. Vale salientar que não consta na folha de rosto ou na folha de guarda qualquer indicação de edição revista, modificada ou atualizada. Todavia, um fato curioso marca ambos os exemplares verificados: a lombada da capa traz a indicação de 7ª edição. O mais interessante é que o exemplar da biblioteca do Dr. Mindlin pertenceu a Edoardo Bizzarri, conforme se verifica na dedicatória autografada pelo autor e também datada de 1964; do ponto de vista da história do livro, isso significa, praticamente, um aval do autor para uma tiragem da 6ª edição com uma capa que antecipava a próxima publicação. Não localizamos exemplares que pudessem testemunhar a 6ª edição “pura” e a 7ª edição “pura”; continuaremos investigando, considerando, principalmente, que a bibliografia de Guimarães Rosa distingue objetivamente as duas edições e informa que a 7ª veio à luz em 1965 (Covizzi e Verlangieri, 1997, p. 214).

Diante do exposto, verificamos que a escritura de *Sagarana* se estende por um longo período que vai até a 5ª publicação, quando o autor deixou de modificar os textos desse livro. O dossiê de *Sagarana* está constituído pelos seguintes documentos: dois volumes encadernados, um em couro vermelho e outro em preto, ambos com o título *Sezão*; seis pastas com folhas soltas, contendo os originais datilografados; originais da 4ª e da 5ª edições, realizados sobre exemplares da 3ª e da 4ª edições, respectivamente, tomados pelo autor como materiais de trabalho; dois volumes de provas tipográficas da 5ª edição.

Como se trata da reconstituição da história de um livro, achamos por bem incluir as edições surgidas no período: 1ª, 2ª, 3ª e 4ª. Isso serve para demonstrar, em cada etapa da escritura, o resultado alcançado e oferecido ao público. Por outro lado, incluindo edições no dossiê da gênese, comprovamos que o fato de publicar não encerra, para o autor, o trabalho de escrever e de corrigir; por outro lado, o autor é o primeiro que, travestido de crítico textual, identifica variantes editoriais e restabelece sua vontade autoral, como parte de seu processo de escritura. Nesse caso, a presença de edições no conjunto de documentos em estudo não significa uma incursão no terreno da edição crítica, propriamente dita. É antes de mais nada o resultado de um reencontro com o autor, flagrado crítico de seu próprio texto e dos editores, enquanto continua escrevendo a obra. Segundo Cecília Almeida Salles (1992, p. 98),

como o estudo genético confronta o texto que é com o que foi, com o que poderia ter sido, ou ainda com o que quase foi, ele contribui para, por um lado,

forçar a ver em cada fase um possível término - uma possível obra - e, por outro lado, contribui para relativizar a noção de conclusão e, assim, ver no texto considerado final pelo artista uma possível etapa.

Salvo em casos especiais, como transcrição de cadernos de anotações ou de rascunhos, edição de obras inacabadas, poderia tornar-se não econômico para a pesquisa e para a divulgação de seus resultados transcrever e editar exaustivamente originais de obras éditas, obrigando-se, assim, a repetir trechos extensos que não sofreram transformações em qualquer das fases testemunhadas nos originais. Por outro lado, até mesmo para o leitor culto, não especialista, a sucessiva apresentação de originais não oferece por si mesma uma informação objetiva, pois exige desse leitor não especializado o exercício de comparação, para verificação e comprovação das mudanças operadas pelo autor. Consideramos, então, que a escritura de *Sagarana* deve ser reconstituída a partir da última versão alcançada pelo autor, ou seja, a partir da transcrição dos contos na forma da 5ª edição, acompanhados de aparato genético, para demonstrar como cada narrativa se construiu através das fases de escritura. Os textos transcritos devem ser marcados por chamadas de notas que remetam às modificações apontadas no aparato genético, indicando-se os documentos que testemunham as ocorrências.

De forma esquemática, podemos assim demonstrar o dossiê da gênese de *Sagarana*:

[*Contos* (1937), testemunho desconhecido]

Sezão, encad. c. verm. (1937?)

Sezão - encad. c. preto (1937?)

Pastas c/ originais - fols. soltas (s. d.)

[Testemunho desconhecido]

1ª edição (1946)

2ª edição (1946)

3ª edição, “revista” (1951)

Originais da 4ª ed. (1955)

4ª edição, “versão definitiva” (1956)

Originais da 5ª ed. (1957)

Provas da 5ª ed.

Sagarana - 5ª ed., “retocada, forma definitiva” (1958)

Para entender a travessia da escritura de *Sagarana*, recorreremos à lição de Philippe Willemart (1993, p. 93): “Da mesma maneira que para

dizer sua paixão à amada ou eliminar seu sintoma, o amante ou o analisando precisam de tempo e de linguagem, assim o escritor necessita do tempo da escritura para livrar-se desse bloqueio que o inquieta. O primeiro texto é, de uma certa maneira, um texto mítico no qual se escreve o desejo do escritor que, podemos imaginar, dirá ao copista da última versão ou a sua secretária : 'É isso que queria escrever'. Dirá esta frase conclusiva 'só depois', como o analisando, que terá reconstruído sua história. Mas terá a impressão de reencontrar-se e de ter narrado algo dele, mesmo há muito tempo enterado em não sabemos qual tesouro, e de ter tampado uma brecha. De fato, terá elaborado, a partir de um conjunto de formas-sentidos ou de um conjunto de objetos de sua pulsão de escrever, um texto erguido à dignidade da Coisa, o que define a sublimação, segundo Jacques Lacan.”

Se a escritura de *Sagarana* desafiou Guimarães Rosa durante mais de vinte anos, completar o trabalho de reconstituição de sua gênese é o nosso desafio para os próximos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COVIZZI, Lenira Marques e VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. Pequena bibliografia de Guimarães Rosa. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 41, 1997, p. 213-232.
- LIMA, Sônia Maria van Dijck (org.). *Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997.
- MARTINS, F. Magalhães. Sobre o conto e os nossos contistas. *A. A. B. B.*, Rio de Janeiro, jan. 1941. Recorte. Arq. JGR-R2-IEB/USP.
- RAMOS, Graciliano. Conversa de bastidores. *A Casa*, Rio de Janeiro, n. 265, p. 26-27, jun. 1946. Recorte. Arq. JGR-R1-IEB/USP.
- REBELO, Marques. Depoimento. O Prêmio Humberto de Campos. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 1939. Recorte. Arq. JGR-R1-IEB/USP.
- ROSA, Vilma Guimarães. *Relembraimentos*: João Guimarães Rosa, meu pai. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1983, p. 333-334.
- SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética*: uma introdução. Fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários. São Paulo : EDUC, 1992.
- WILLEMART, Philippe. Um ladrão de si mesmo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 5, 14 nov. 1986. Caderno B.